

DO TEMPO EM QUE OS RIOS AINDA ESTAVAM ENTRE NÓS¹

FROM THE TIME WHEN RIVERS WERE STILL AMONG US

Sy Gomes Barbosa
PPGArtes-UFC
Ana Carolina da Rocha Mundim
UFC

Resumo

O texto apresentado aqui une memórias, pesquisa acadêmica e reflexões sobre arte, ecologia e território. As autoras, Sy Gomes Barbosa e Ana Carolina da Rocha Mundim, exploram sua relação com a água e os corpos d'água na construção de sua trajetória artística, especialmente na performance aquática, viabilizada pela experiência no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC). O estudo analisa a transformação do município de Eusébio (CE), região metropolitana de Fortaleza (RMF), destacando a privatização de lagoas e riachos por empreendimentos de luxo que limitam o acesso da população e impactam a cultura de forma ecossistêmica. Como resposta, as autoras propõem a performance *Corpos Aquáticos*, que discute exclusão social e ambiental por meio da hidro-improvisação e do audiovisual.

Palavras-chave:

Aquamove; criação em artes; ecologia; Eusébio; lagos e lagoas.

Abstract

This article intertwines personal memory, academic research, and reflections on art, ecology, and territory. The authors, Sy Gomes Barbosa e Ana Carolina da Rocha Mundim, explore their relationship with water and bodies of water within the construction of her artistic trajectory, specifically focusing on aquatic performance as developed in the Post-Graduate Program in Arts at the Federal University of Ceará (UFC). The study examines the socio-spatial transformation of the municipality of Eusébio (CE), in the Fortaleza Metropolitan Region (RMF), highlighting the privatization of lagoons and streams by luxury real estate developments that restrict public access and generate ecosystemic cultural impacts. As a creative response, the authors propose the performance "Corpos Aquáticos" (Aquatic Bodies), which addresses social and environmental exclusion through hydro-improvisation and audiovisual media.

Keywords:

Aquamove; artistic creation; ecology; Eusébio; lakes and lagoons.

INTRODUÇÃO

Existem alguns elementos que precisam ser elucidados antes que se forme qualquer relação entre nós e você. Curiosa coisa essa relação entre autor e leitor, pois sempre estamos bamboleando entre diversas áreas do conhecimento, então deveríamos falar em terceira pessoa? Deveríamos alinhar o meu texto à História e à Antropologia? Ou às Artes e ao Pós-Humanismo? Diversas questões passam pela nossa cabeça ao criar esta introdução. Antes fosse o desejo pelo mistério, o nosso norte, e não a obsessão pela clareza.

As forças que se cruzam em nossa escrita precisam ziguezaguear por entre imagens, memórias, palavras e lugares novos para vocês, mas habitam aqui os nossos lugares. Mais especificamente Eusébio, o município onde a autora Sy Gomes nasceu no Estado do Ceará, e que sofre as duras consequências de uma privatização desenfreada de lagoas, protagonizada por empreendimentos imobiliários, no formato de “condomínios de luxo”.

O desaparecimento de riachos e levadas faz com que possamos enxergar o curso da água na cidade mudar radicalmente. O líquido que antes escorria sob o relevo sedimentar desse território, sempre em direção ao mar, agora escorre em avenidas, ruas e brejos, onde moram pessoas que por vezes trabalham nesses condomínios. Por consequência, as populações locais são submetidas a alagamentos e doenças, como a dengue, que se espalham no período chuvoso, graças ao acúmulo de água em ruas sem saneamento ou drenagem.

Tais empreendimentos vendem a ideia de uma “aproximação com a natureza”, justamente porque em seus terrenos – áreas enormes loteadas e vendidas a valores exorbitantes – existem lagoas naturais e áreas de drenagem, como riachos, que passam a fazer parte da “Natureza comprada” pelas elites da capital cearense. Esse movimento, estudado por Cleiton Marinho Nogueira em sua dissertação sobre a expansão imobiliária na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), começou por volta do ano de 2003 nas periferias da

cidade metropolitana, seguiu o vetor de expansão Fortaleza-Eusébio e rapidamente mudou a paisagem do território, culminando nos anos seguintes com a instalação dos empreendimentos “Quintas do Lago”, da cearense Terra Brasilis, e “Alphaville Eusébio”, da Alphaville Urbanismo, gigante de produtos imobiliários, presente em 23 estados brasileiros.

A implantação desses empreendimentos no município vizinho à cidade-polo não pode ser entendida como um processo de fuga ou uma negação da cidade, ou como uma “volta à natureza”; pelo contrário, configura-se como uma expansão do tecido urbano-metropolitano da capital, em que a acessibilidade à Fortaleza é condição fundamental para o sucesso dos negócios (Nogueira, 2011, p. 116).

Em diálogo com Nogueira (2011), observamos que desde o começo do processo de urbanização da região havia uma motivação, um interesse nesse território, ou seja, além da proximidade geográfica, também havia a necessidade de ter sucesso nesses empreendimentos. No entanto, foi através dos recursos naturais que a maior parte da propaganda dos loteamentos se deu, como veremos mais adiante. Tal expansão chegou ao centro do município, pondo em risco, inclusive, lagoas que estavam protegidas até muito recentemente, pela presença das principais instituições políticas nos arredores. Por isso, a pergunta que guia o percurso de pesquisa nas águas e através das memórias que elas carregam está, de fato, direcionada às autoridades da cidade de Eusébio, mas não só.

A questão também está direcionada a todos os municípios que possuíam relações importantes com Corpos D'água, como a Lagoa do Coaçu, e que perderam acesso a essa hidrografia por conta de empreendimentos imobiliários, estudados, aprovados, fiscalizados e liberados para a construção por meio de processos administrativos que competem à Autarquia Municipal de Meio Ambiente de Eusébio (AMMA). Alguns dos períodos que motivam a escrita do texto são: Por que construções em área de preservação ambiental foram aprovadas pela legislação municipal? Como

o município entende a relação da população nativa com lagoas e riachos? Quais memórias despontam, quando ao invés de um caminho para coletar água e caju encontra-se um muro alto feito de concreto? Como o desvio, aumento ou redução dos fluxos de água na cidade modificam as relações de cheia e seca em áreas protegidas? Quais são as consequências da privatização, renomeação e bloqueio de acesso a espelhos d'água, outrora públicos?

Todas essas perguntas partem, porém, não de uma pesquisa em urbanismo, paisagismo, engenharia ou biologia, mas sim parte de uma pesquisa em artes. Dizemos isso, porque há um imenso espaço de diferença, histórico e acadêmico, entre a pesquisa em artes e as investigações técnicas que levaram à autorização da construção desses condomínios. De que forma, então, poderíamos combater afirmações tecnológicas, numerológicas e topográficas com a arte? Será que a arte conseguiria sequer fazer cócegas ao ego colonial que domina as decisões técnicas, tomadas como lei em diversos territórios brasileiros? Será que fará alguma diferença esta escrita que agora é lida por você? Acreditamos que sim e por isso escrevemos: para fortalecer uma rede invisível, que somente alguns podem notar.

Na pequena pesquisa bibliográfica aqui apresentada, encontramos textos basilares para os estudos dos corpos d'água sob a ótica das ciências humanas, como a obra de Astrida Neimanis e a trajetória acadêmica de Franz Krause, ambos compartilhantes do uso do prefixo "hidro" (em português) / "hydro" (em inglês), para falar de relações humanas e além de humanas, mediadas pela água. O *hidrofeminismo* instaurado por Neimanis (2017) dialoga em grande medida com as discussões de gênero inauguradas pelo "Manifesto Ciborgue" de Donna J. Haraway (1985), referência para esta pesquisa e inúmeras outras sobre as "espécies companheiras" (Haraway, 2022), bem como sobre gênero e feminismo especulativo. Já o *hidro-perspectivismo* de Krause (2019) propõe que nós possamos ultrapassar as barreiras criadas pelo saber ocidental herdado, a fim de

perceber a vida desde a água, em um ponto de vista aquático, criticando canalizações e tentativas de controle planejado dos processos hidrológicos, como podemos observar neste parágrafo condensador:

Uma abordagem perspectivista, em vez de representativa, propõe a justaposição de sujeitos baseadas na água e na terra, atenta às materialidades específicas das heterotopias aquáticas e às maneiras como a água pode engendrar certas formas sociais e políticas. Isso também significa que diferentes águas e cursos d'água produzem perspectivas diferentes - um canal britânico molda pontos de vista diferentes de uma praia atlântica ou de um reservatório de água potável taiwanês. Como forma de tornar o familiar estranho e o estranho familiar, o hidro-perspectivismo pode servir como uma técnica para proporcionar um novo olhar sobre nossas suposições terrestres e identificar problemas e pontos cegos em nossas formas de pensar herdadas (Krause, 2019, p. 93).²

Dessa forma, conseguimos nos localizar nesse território, para enfrentar a gigante urbanidade que envolve as vivências na cidade de Fortaleza, olhando desde o litoral oeste do Ceará, mas também desde uma perspectiva que a nós foi ensinada. Por exemplo: quando passava pela Avenida Aguanambi, em Fortaleza, o pai de Sy Gomes sempre lhe dizia que ali havia um riacho que foi canalizado, mas que um dia havia sido pungente. Realizada no começo dos anos 1970, a obra de contenção do riacho "Água Nambi"³ ainda hoje é lembrada como uma das mais importantes obras de expansão urbana da cidade, tendo sido apenas uma das diversas obras de canalização e aterramento de riachos. Ali, ainda criança, Sy Gomes sentia empatia pelo riacho soterrado.



Figura 1 - Avenida Aguanambi (1972). Arquivo Nirez.
Fonte: Blog *Fortaleza Nobre* (Nobre, 2011).⁴

A ideia de uma conexão ou de uma interdependência planetária, que tem sido calcada por autores que não cessam de nos acompanhar no desafio de escrever sobre o presente, faz com que um campo de pesquisa surja. Neste campo habitam os cientistas que veem não somente os seres humanos ou somente seus objetos de estudo (animais, vegetais ou minerais, quaisquer que sejam) como parte de um método baseado no empirismo moderno, mas sim como parte de uma coletividade energética, fluída, geológica e orgânica que convencionamos chamar de Ecologia ou Ecologias.

Por isso, o esforço de Neimanis (2017) é falar sobre uma *corporificação da água*, uma *corporificação (embodiment)* dos “corpos d’água”, comumente entendidos somente como reservatórios, e parte de um mapa maior de espelhos d’água que são estudados a fim de garantir a sustentação de projetos hídricos e urbanos em diversos territórios, ou seja, são percebidos desconectados de suas ecologias, memórias e histórias, como seres sem agência. No entanto, corpos d’água aqui devem ser entendidos como muito mais que isso, pois entendemos

Água como corpo; água como comunicadora entre corpos; água como facilitadora da existência dos corpos. Entidade, meio, ambiente transformador e gestacional. Tudo isso abrange, flui, sustenta e satura nossos corpos d’água. “Há marés no corpo”, escreve Virginia Woolf. Fluímos e re-fluímos através do tempo e do espaço – corpo a corpo, corpo a corpo, corpo a corpo (Neimanis, 2017, p. 87).¹⁶

Entender o corpo de lagos, lagoas, riachos, rios, deltas de rios, nascentes, olhos d’água, fervedouros, levadas, açudes, pequenos sapos, mamíferos em estado fetal, geleiras, mares e oceanos, como parte de uma coletividade que é formada primariamente por água, este elemento ancestral, é essencial para compreender porque devemos nos importar com o que acontece com as lagoas que estão ao nosso redor.

Essa “coletividade” de entidades autônomas, mas interconectadas, é chamada por Astrida, em diálogo com outros autores, de *hypersea*. O “supermar”, como poderia ser entendido em português, é exatamente a reunião de todas as moléculas de água presentes na biosfera. Este conceito nos ajuda a perceber que tanto a água que está nos abismos oceânicos como aquela

que é expelida na urina são parte de um mesmo fluído que está sendo reciclado na Terra, desde antes mesmo da explosão da vida como conhecemos. Atualmente, a água presente no corpo dos *Homo sapiens sapiens* corresponde de 60 a 90% da composição total das células vivas, mas ao mesmo tempo é uma água profundamente conectada aos reservatórios, tanques de tratamento e nascentes minerais. Assim, estamos conectados à água de maneira molecular, ela retém nossos segredos mais antropomórficos e, observando seu fluxo, podemos notar a proliferação de pluralidades e diferenças (Neimanis, 2019, p. 86).

Nesse sentido, o artigo que se desenrola aqui irá utilizar diversos meios para contar a história de uma lagoa que sumiu do bairro Coaçu, que está nas memórias da mãe de Sy Gomes, mas não nas da autora. Coaçu, mesmo nome dado ao rio que corre nestas terras, significaria “folha grande” e revela que o passado indígena de Messejana, Paupina e Aquiraz permanece vivo em nossa língua, mas esquecido por muitos de nós. Aprendemos que, assim como lembrar, esquecer é um movimento que fazemos frente à realidade e que nós esquecemos em processo, não de forma súbita. Por isso, aqui tentaremos lembrar do tempo em que os rios ainda estavam entre nós, do tempo em que as lagoas daqui formavam conjuntos com o mar, de quando eram lembradas.

Os movimentos que nos levam à criação artística estão presentes dentro de nós desde a infância. Termos nos tornado artistas foi inevitável e parecia real por toda a vida. Mas quando eu, Sy Gomes, dissidi de gênero e do ofício da História, minha área de graduação, formalmente conhecida pelo trabalho com fontes do “passado”, eu também pude mergulhar livremente nas artes visuais e do corpo. Em performance desde 2019, tenho atravessado lugares e venho sendo atravessada por eles, sempre percorrendo os questionamentos necessários à desprogramação de um corpo-cotidiano. Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal do Ceará (UFC), percebo que há mais do que um campo de pesquisa, mas uma tradição de pesquisa em artes sendo construída ali, a

tradição seria a de questionar os limites do corpo e do cânone.

Todos os componentes curriculares se organizam em torno das pesquisas dos docentes, e as pesquisas realizadas nesse programa pretendem demonstrar a relevância da coautoria. No segundo semestre, em fins de outubro de 2024, me surpreendi ao ver uma disciplina na Piscina do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) sendo ofertada ao Mestrado em Artes ICA/UFC. Nunca havia visto algo parecido no currículo em Dança ou Artes Visuais.

Naquele momento, ainda não havia qualquer aproximação minha com a proposta metodológica da Professora Ana Carolina Mundim, mas, de antemão, a ideia de criar na água, já me deixava entusiasmada. A propósito de estar pesquisando a relevância de poéticas e formas de fazer, com e através de seres além de humanos, como plantas e fungos, também pesquisei os elementos essenciais à vida – por exemplo: água, terra, matéria orgânica, ar – que se tornam ou são transformados em elementos perigosos para espaços expositivos tradicionais, requerendo dos artistas diversas negociações com os espaços, sejam em museus ou galerias, bem como a criação de uma série de tecnologias para garantir a proposta artística.

A água, a sílica, a areia, a umidade, os átomos de hidrogênio e carbono, a acidez dos materiais, a terra fértil, as pedras de rio, as bactérias, os esporos, as hifas, os musgos, os brotos de feijão, os pedaços de mandioca e até mesmo os aquários tornam-se elementos de risco (perigosos) quando expostos a reservas técnicas e espaços de conservação. Nesse sentido, como a água poderia fazer parte do trabalho artístico sem apresentar risco para obras presentes em acervo? Como criar uma floresta em um museu? Ou mesmo, como manter um elemento em fermentação no cenário de controle e de higienização das exposições tradicionais? Como superar alguns paradigmas da *arte que perdura* numa época efêmera como a que vivemos?

Essas questões, dentre as várias que norteiam a minha pesquisa em curso, já me permeavam

a cabeça quando Pablo Assumpção, meu orientador, disse: “Nossa! Essa disciplina que está sendo ofertada tem tudo a ver com tua pesquisa!”. Foi mais que o suficiente para me ver matriculada no segundo ateliê do Mestrado, mesmo não sendo um componente obrigatório. Eu sabia que havia algo sendo criado e disparado naquelas aulas na piscina, por isso já identificava a relevância da hidrocriação/hidroimprovisação. Além disso, anos atrás, a ideia de dançar como um espetáculo na piscina da casa de minha avó, em Eusébio, também já existia, oculta e até mesmo esquecida nas diversas gavetas da mente desta artista.

Durante o percurso, submersas, e sob a guiança de Ana Mundim, nós trabalhamos diversos aspectos da dissolução de fronteiras entre o movimento fora d’água e o movimento dentro da água. A começar pela percepção do Reflexo do Mergulho Mamífero, que, ao ser trabalhado, vai permitindo um distensionamento dos músculos ao mergulhar, bem como uma redução dos batimentos cardíacos. Com o uso de toucas, *noseclips*, roupas de banho e protetor solar, levamos aquelas manhãs aprendendo movimentações que estavam associadas diretamente à improvisação, consciência corporal e processos de descobertas. Como Ana Mundim nos diz no seu texto “Dança na Água: um corpo em fluxo”,

A água nos ensina a ouvir o tempo, a entender a nossa própria pequenez, ela nos convida a dançar, mas mostrando que a atenção é necessária a esta parceria. Ela nos ensina que para se ganhar confiança é preciso, antes, reconhecer o espaço e oferecer confiabilidade. Ela nos mostra o tônus em que devemos estar a cada mudança que o tempo opera. No entanto, todo aprendizado só é possível quando se quer aprender. É preciso permitir que a água encharque para que o deleite se aproxime. E dali os fluidos começam a se movimentar (Mundim, 2023, p. 339).

Não sabia ao certo a quantidade de ar que era necessário soltar para mergulhar, fomos aprendendo juntas. Não sabia que existiam pessoas positivas (que flutuam) e negativas (que afundam), muito menos sabia que eu tinha tendência a afundar. Não sabíamos como fazer

uma espiral na água, fomos aprendendo. Os membros tensos e a cervical contraída foram dando lugar a momentos de relaxamento e deriva. Nesses momentos, alguns desenhos surgiram, como ondas reverberando dos corpos, em posição de Estrela do Mar⁵ ou mergulhando até o fundo da piscina plana. Algo estava acontecendo e era inevitável.

Por isso, quando Ana solicitou a escrita de um primeiro texto poético/acadêmico, não pude fugir e escrevi uma dramaturgia para essas águas. Um programa performativo alongado ou um roteiro. O primeiro texto criou os parâmetros da escrita desta segunda textualidade, uma vez que lá é possível entender como as Lagoas, os Riachos e os Corpos D’água da região do Litoral Leste do Ceará são importantes para a memória coletiva de diversos territórios ancestrais, especialmente do bairro Coaçu e do município de Eusébio.

Também é possível observar as encruzilhadas em que a artista produz, sendo essa uma dramaturgia protagonizada por pessoas transgênero, para falar de questões ecológicas e interseccionais, mas também sobre os corpos que podem ou não desfrutar dos recursos hídricos desta Terra. *Corpos Aquáticos*, disponível na última parte desse texto, é, portanto, um entrecruzar de propostas artísticas e ideias que agora podem se tornar um espetáculo em circulação, uma performance ou filme, já sendo algo que existe e é palpável.

Afinal, a história que trago aos leitores é uma história a contrapelo da ocupação do município de Eusébio, localizado na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), no Estado do Ceará, e sobre como perdemos, coletivamente, o acesso a algumas lagoas e riachos. Porém, também é sobre como é possível criar em torno de questões inadiáveis, que mobilizam e restringem o corpo. É sobre como é possível mergulhar e flutuar, aprender com e na água, criar um corpo para a água e escutar dela as informações necessárias para a criação de um mundo novo. Um mundo onde o protagonismo não é humano, como nos faz imaginar Bruno Latour:

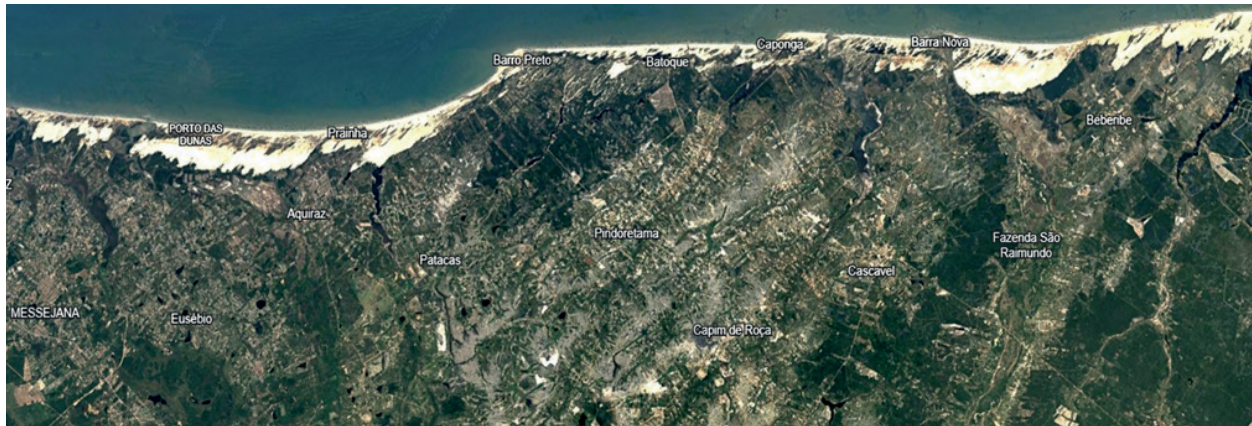


Figura 2 - Visão aérea do Litoral Leste do Ceará (1985).

Fonte: Google Earth, 2025.

Ao descrevermos nossas interdependências aos outros e por meio dos outros, o solo parece nos erguer os pés e nos girar de ponta-cabeça. O território não é mais aquilo que ocupamos, mas aquilo que nos define. [...] A floresta, o lago, a montanha, os cervos e os solo continuarão onde estão, mas não passarão mais pelo sujeito para que seja ele quem decide sobre o que lhes convém ou não: porque eles retomam seu caminho decidindo por si e para si mesmos - o que irá lhes permitir durar um pouco mais. Aqui novamente é como se um rio descongelasse e voltasse a fluir. É o fim do naturalismo (Latour, 2021, p. 95-98).

Para aqueles que moram nessa região do Ceará, no Litoral Leste,⁷ existem inúmeras formas de conexão com a água. Uma das mais comuns e que se experimenta desde pequeno é a experiência de ir ao mar. O Oceano Atlântico que banha essa região é costumeiramente conhecido pelo calor de suas águas e pela razoável falta de profundidade na maior parte das praias que não foram alteradas por intervenção humana ao longo do tempo. Para as diversas populações locais, foram as praias os primeiros lugares onde foi possível aprender a nadar. Aprender a mobilizar o corpo submerso em água, mergulhar e ter momentos de lazer. Eram constantes as idas às praias da Abreulândia, Boca da Barra (Rio Pacoti), Porto das Dunas, Morro Branco, Prainha (Aquiraz) e diversas outras, com suas ondas desafiadoras, areia clara cheia de conchas, com jangadas ao redor.

Porém, se observarmos melhor esse território, vamos perceber que, além de estar geograficamente localizado entre leitos de rios importantes para o Estado do Ceará, também há uma grande concentração de Lagoas, Espelhos D'água, riachos, levadas e até mesmo lugares onde o leito de rio se transforma em manancial, estabelecendo complexos ecossistemas essenciais para fauna e flora locais. Além do mar, em sua dimensão imensurável, existem diversas formações geológicas que permitem o acúmulo de água e podem, ou não, se conectar com rios ou com o oceano. Sendo assim, pode-se dizer que essa região é como uma esponja para a água, seja aquela que vem de cima e se infiltra no lençol freático, seja aquela que corre a céu aberto.

Existe uma constante lembrança reproduzida na minha família através da oralidade: a de que os moradores dessa região gostavam muito de brincar na beira das Lagoas, além de retirar água, para subsistência, e extrair pequenos moluscos de dentro da lama, como "aruás" (espécie de caramujo) e "mussum" (peixes parecidos com enguias). Assim, também as primeiras brincadeiras se tornaram uma forma de aprender a lidar com aquele corpo d'água, entendendo seus ritmos de cheia, esvaziamento e profundidade. Tudo estava em volta das lagoas, dos rios e do mar. Costumavam dizer que se um tsunami chegasse a essa região, estaríamos submersos até a região de Messejana, já na capital cearense, tamanha seria a permeabilidade daqui. Hoje em dia,



Figura 3 - Colagem digital de seis fotos analógicas digitalizadas, retratando momentos de lazer em Eusébio (Lagoa das Guaribas) e Litoral Leste (1995-1997).
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

porém, alguns empreendimentos continuam a construir calçadas, pistas de corrida, áreas de lazer e piers, para quase dentro de uma região de drenagem das águas, acreditando ser esse bom negócio.

Abaixo, veremos diversas fotografias analógicas, coletadas, selecionadas e digitalizadas pela autora Sy Gomes, a partir de álbuns de família⁸, disponibilizados para a presente escrita. O Litoral Leste é composto por oito municípios que começam a ser contados a partir do fim da Região Metropolitana de Fortaleza, no sentido Leste. Logo após o bairro de Messejana, estendem-se os municípios de Eusébio e Aquiraz, que dão início a essa região. As características geográficas desse pedaço do litoral são praticamente as mesmas: terrenos de areia branca e fina, vegetação de caatinga e restingas oceânicas, morros, dunas e praias abertas com longas extensões.

Tanto nos municípios definidos como região metropolitana como nos demais municípios do litoral também podem ser identificados leitos de rios e riachos que desaguam no mar, como o Rio Pacoti, Rio Cocó, Rio Coaçu, Rio Malcozinhado, Rio Choró, Rio Catu, Rio Piranji e Rio Jaguaribe.⁹ Nesse contexto imenso de lagoas, lagos, riachos e outras formações de cursos d'água, podemos começar a entender como tais elementos eram parte

essencial da vida cotidiana da população local, principalmente dos nascidos nesta região.

A história dos territórios que hoje conhecemos como Eusébio, Aquiraz e os municípios de Beberibe, Cascavel e Pindoretama, por exemplo, vai de uma história agrícola e pesqueira para uma região de interesse da capital, um vetor de crescimento direcionado à região metropolitana. Uma primeira fase desse interesse caracterizou a ocupação desse território nos anos 1990, onde diversas famílias ricas da cidade de Fortaleza, tinham sítios com casas de veraneio, para lazer ou mesmo para morar, afinal ainda estavam perto da cidade, atraindo interesses locais e internacionais.

Além dos grandes sítios de famílias de Fortaleza, como o dos Jacaúna, também existiam residências oficiais de famílias com ascendência internacional, vindouras principalmente de Portugal e Itália. Nesse território, que já parecia propício para os avanços dos anos 2000, incentivados por terrenos barateados e pela proximidade da capital, diversos empreendimentos começaram a ser montados, como a Regali Import-Export, em que Eliábia de Abreu, mãe de Sy Gomes, trabalhou como vendedora-gerente-contabilidade, no bairro Coaçu, cuja sede ficava ao lado da casa do Sr. Manoel Couto (português).



Figura 4 - Colagem digital de três fotos analógicas de Eliábia de Abreu, mãe de Sy Gomes Barbosa, na residência da família Couto, de origem Portuguesa, no bairro Coaçu, em Eusébio (1997).
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Geralmente, além das benesses da localização e dos investimentos ainda reduzidos, comparados aos preços de Fortaleza, os empresários que se instalavam nesse território, até aquele momento, também geravam uma empregabilidade precarizada ou hiper concentrada em poucos funcionários que geralmente tinham só o Ensino Médio completo e que faziam parte da massa mais pobre do bairro. Isso ainda acontece hoje em dia, no entanto, de outra forma, na empregabilidade gerada pelos condomínios de luxo. Assim, os sítios foram sendo vendidos e transformados no que viriam a ser ambientes de alta densidade demográfica, dentro e fora dos muros, uma vez que a população do município também cresceu nas periferias.

O amplo interesse imobiliário, que fez Eusébio ficar popularmente conhecida como a “cidade dos condomínios”, incidiu mais fortemente com empreendimentos loteados e construídos a partir de 2003, como é discutido pela dissertação de Cleiton Marinho Lima Nogueira (2011). Com pesquisa realizada na Universidade Federal do Ceará, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, o autor identifica os agentes do mercado imobiliário e os possíveis motivos para o crescimento dos empreendimentos de luxo no recém emancipado município. Contemplando a percepção de que esse território gozava de imensa pungência de vida vegetal, terrenos barateados e oportunidades imobiliárias de alta rentabilidade, o autor mobiliza a ideia de que há uma tendência internacional dessa forma de explorar as regiões metropolitanas das grandes cidades.

A legislação municipal, pouco restritiva no que se refere à implantação de investimentos imobiliários (se comparada a Fortaleza), associado às tendências de crescimento da metrópole, tornou o Eusébio o local mais propício para a implantação de loteamentos e condomínios fechados [...] o qual passou a ser anunciado nos jornais locais como “a nova fronteira imobiliária” possuidora de atributos ideais para famílias que buscam morar com conforto e qualidade de vida, e distanciar-se dos problemas de Fortaleza. Tal discurso assemelha-se aos propagados em diversos empreendimentos lançados em municípios periféricos de várias metrópoles em todo o Brasil, e também na América Latina, a partir do final do século XX, e indicam o fortalecimento das novas formas de autosegregação nos espaços metropolitanos das metrópoles da América do Sul (Nogueira, 2011, p. 131).

No ano de 2003, foi lançado para vendas o Condomínio de Luxo “Quintas do Lago”, da Terra Brasilis, que antecedeu a gigante internacional Alphaville. Tal proposta de morar se alinhava com o desejo das classes mais altas da cidade e de outras pessoas do Brasil, que queriam ter casas nesse loteamento de quase 350 mil metros quadrados. Por isso, a publicidade, pesquisada por Cleiton Marinho, enfatizava tanto que os novos condomínios da capital eram

[...] projetados seguindo um excessivo respeito e preocupação com a natureza, preservando-se a maior parte da vegetação nativa. [...] temos o ambiente perfeito para um estilo de vida simples e tranquilo de antigamente, sem no entanto deixar de lado os benefícios da vida moderna (Nogueira, 2011, p. 115).

Um estudo de 1998, do Programa de Recenseamento de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado do Ceará (Figura 5), executado pela CPRM - Serviço Geológico do Brasil, através da Residência de Fortaleza, sob a coordenação da Divisão de Hidrogeologia e Exploração DIHEXP do Departamento de Hidrologia - DEHID/RJ (1998), demonstra a ampla utilização de poços artesianos no município de Eusébio, já no fim da década de oitenta, o que comprova o forte fluxo pluvial embaixo da terra, no que entendemos como lençol freático ou águas subterrâneas e principalmente, ampla ocupação humana.

Nesses mesmos mapas de pontos d'água é possível observar as marcações das três lagoas que circundam o Centro do município (Figura 5 - em destaque). Apesar de não ser possível identificar as lagoas mais ímpares para esse estudo, como a Lagoa do Coaçu e as lagoas que estão localizadas dentro de alguns empreendimentos imobiliários, afinal, o mapa foi confeccionado antes dessas iniciativas e muitas lagoas e riachos são intermitentes. Porém, é possível perceber através dos poços artesianos marcados no mapa que essa região sempre teve um bom índice de água potável subterrânea, criando um contorno de pontos d'água que corresponde ao contorno das

lagoas nessa região.

Utilizando a ferramenta de "tempo" do *Google Earth*, cuja funcionalidade é mostrar as mudanças nos territórios ao longo do tempo, através de um *timelapse* que reúne todas as imagens aéreas e de satélite disponibilizadas pela empresa estadunidense, é possível observar o exato momento histórico em que diversas lagoas passaram a integrar condomínios fechados, ou seja, por volta do ano de 2004 há nitidamente uma mudança no cenário desse território (Figura 6). Ao mesmo tempo, na fotografia aérea de 1985 (Figura 7), é possível identificar o grande número de lagoas e espelhos d'água de Eusébio, e, aproximando mais, é possível identificar a lagoa que está inserida atualmente no condomínio Quintas do Lago, até então intacta. Contudo, na declaração oficial identificada por Nogueira, o empreendimento declarou possuir um "riacho artificial" (Nogueira, 2011, p. 113), sendo que, ainda em sua dissertação, o autor consegue identificar a mesma lagoa em 2003 e em 2010, quando se intensificaram as construções à sua volta (Figura 6).

Tal lagoa, sem nome para os moradores locais, se conecta com a Lagoa do Coaçu e com o Riacho Coaçu, que escoam para a Lagoa

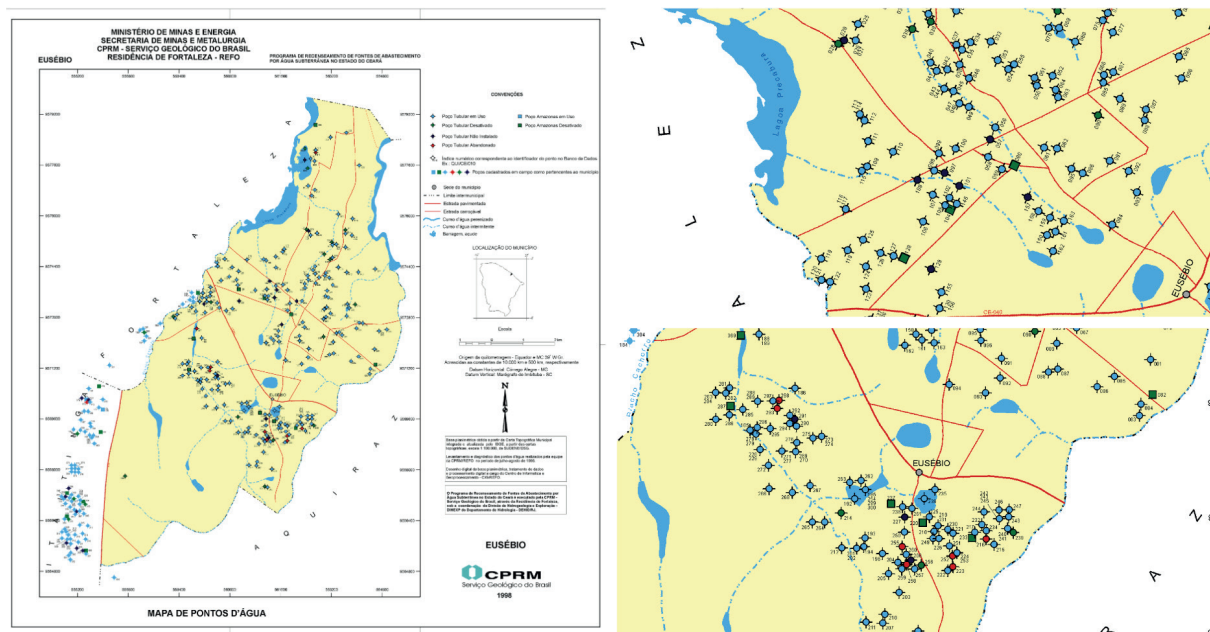


Figura 5 - Mapa de Pontos D'água, poços artesianos e percursos intermitentes e perenizados de água em Eusébio (1998).

Fonte: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (1998).

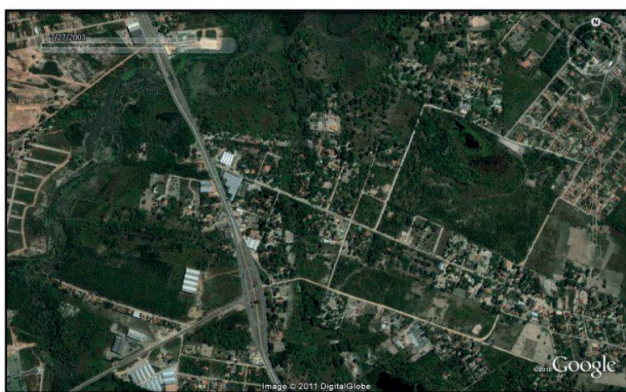


FIGURA 13: Imagem de satélite da rodovia CE-040 (entrada do município) no ano 2003. Nota-se a presença de grandes glebas, algumas indústrias e a ausência de loteamentos fechados neste setor do município. Fonte: Google Earth (2003).



FIGURA 14: Imagem de satélite da rodovia CE-040 (entrada do município) no ano 2010. Nota-se a presença de dois grandes loteamentos fechados, à esquerda da rodovia o loteamento Jardins Ibiiza e a direita, o Quintas do Lago e em sua vizinhança alguns condomínios fechados. Fonte: Google Earth (2010).

Figura 6 - Imagens extraídas da dissertação de Cleiton Marinho Lima Nogueira, onde ele percebe a instalação de condomínios em uma região que não tinha loteamentos fechados, mas que já estava cercada e murada, valorizando seu valor de mercado.

Fonte: Nogueira (2011, p. 63).



Figura 7 - Imagem aérea de 1985, editada para evidenciar os espelhos d'água (partes escuras) do então distrito de Eusébio. Abaixo, destaque de imagem aérea (1985), com círculo marrom claro, onde está registrada a Lagoa que hoje é parte do condomínio de luxo Quintas do Lago.

Fonte: Google Earth, 2025.

da Precabura, área de proteção ambiental recentemente oficializada, principalmente em períodos chuvosos. Como, então, respeitar esse fluxo das águas numa cidade que só cresce?

Em destaque, a área que compreende o Coaçu (canto superior direito), e seu complexo de lagoas conectado com a Lagoa da Precabura e a área do Centro de Eusébio (canto inferior direito) evidenciando diversos corpos d'água

no Centro do município, em 1998.

Crescer sabendo que existem lagoas que não podem ser acessadas é a realidade da maior parte das infâncias da comunidade do Coaçu. Diferente do Coaçu demarcado no Earth e do Coaçu de Fortaleza, esse bairro de Eusébio pode ser considerado uma região de "brejo". Não à toa o chamam assim nas ruas. Quando chega o período chuvoso, levadas e riachos passam por cima das estradas asfaltadas, alimentando

pequenas lagoas e desafogando o sistema de lagoas da Precabura, um sangradouro inato.

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Precabura (2022) é, assim como a APA da Sabiaguaba (2006),¹⁰ uma tentativa de remediar as violações ambientais causadas por empreendimentos na beira das lagoas e das dunas. As duas únicas APAs dessa região estão protegidas sob uma legislação que as mantém como bens públicos das cidades de Eusébio e Fortaleza, afinal, em uma terra onde não há uma ética de contínua fiscalização, acaba-se ocupando o território sem que comunguemos com o que intitulam “natureza”. São enormes os riscos de extinção de fauna e flora e de poluição dos afluentes.¹¹ É exatamente o que é defendido pelo *Estudo técnico para criação de unidade de conservação estadual na Lagoa da Precabura, Fortaleza e Eusébio, Ceará* (Secretaria do..., 2022), elaborado pela SEMACE – Secretaria de Meio Ambiente do Ceará e pelo Programa Cientista Chefe do Meio Ambiente, no qual identificam inúmeras espécies vegetais e animais que se beneficiam desse imenso e relevante ecossistema.

A legislação encontrada pela presente pesquisa, formulada aqui como um ensaio memorialístico e artigo científico, fala sobre categorias de lagoas por profundidade e determina a distância necessária da “beira” da lagoa, seu perímetro, para manter o recurso hídrico seguro. Tais leis incentivam a preservação dos arredores das lagoas, porém é a legislação ambiental municipal que aprova ou embarga projetos arquitetônicos.

A AMMA (Autarquia Municipal do Meio Ambiente de Eusébio) é a responsável por essas aprovações, já tendo sido aprovados projetos que entulharam pequenos riachos e levadas, e que canalizaram riachos naturais e aterraram ou escoaram parte de lagoas desse bairro e dos demais bairros do município. Uma das últimas notícias é que mesmo no Centro de Eusébio, próximo à administração da cidade, uma das três principais lagoas estava sendo ampliada (cavada e ampliada em área), perdendo profundidade e tendo seu riacho entulhado.

Não há aqui a intenção de denunciar processos específicos aprovados na Autarquia Municipal, principalmente porque quando o primeiro empreendimento investigado aqui foi construído, nem autarquia existia para fiscalizar as construções, era tudo “boca a boca”, parte da política de curral já conhecida por todos nós. Contudo, é importante pensar como os loteamentos e condomínios foram se adaptando ou adaptando os arredores dos corpos d’água e que, em 22 anos de exploração desse território, continuamos presenciando abusos aos recursos naturais. O Quintas do Lago transformou o riacho que conectava as lagoas do Coaçu à Lagoa das Guaribas, e ambas à Lagoa da Precabura, em um sistema cimentado de níveis que vão limpando os detritos da água que entra na lagoa, agora, do condomínio. Além disso, eles criaram um sistema de tratamento de esgoto que devolve água ao sistema hidráulico do condomínio, usada para jardinagem. A eficácia disso, no entanto, é imprecisa, e a lagoa segue restrita aos moradores do bairro planejado, não podendo ser utilizada por moradores da comunidade nem pelos funcionários do condomínio. Eles geralmente utilizam para canoagem e pesca recreativas.

A dita natureza, porém, não têm deixado tais empreendimentos sem consequências. As lagoas internas, cujo regime intermitente já estava nítido no mapa de 1998, enchem e secam, à medida que a quadra chuvosa aumenta e diminui. As galerias de concreto implantadas para substituir os riachos, não suportam a vazão, e o curso d’água atravessa estradas e avenidas, causando alagamentos em várias regiões das cidades de Eusébio e Aquiraz, essa última sofrendo com alagamentos de mais de 1 m de altura nas chuvas recentes de 2025, próximo de sua rodoviária, que paralisou e deixou pessoas presas dentro dos ônibus.

Derrubando muros, árvores e enchendo com água as depressões geográficas entulhadas, os riachos que por aqui andavam seguem pungentes e abrem caminhos que não podem ser contidos por construções humanas. Em Fortaleza, vemos o mesmo acontecer com diversos canais como o antigo Riacho Aguanambi, o Rio Maranguapinho, o Rio



Figura 8 - Imagens de satélite de 2024. A TAG digital que marca o Bairro Coaçu está localizada em cima de onde fica o Quintas do Lago (imagem superior). Contudo, o bairro realmente está onde a comunidade consegue estar (foto inferior marcada com círculo e retângulo). Percebe-se também o avanço de uma estrutura de loteamento sob a Lagoa do Coaçu.

Fonte: Google Earth, 2025.

Cocó, entre outros, que despejam sua vazão a despeito da cidade que os modernizou.

O processo de modernização dos rios nas grandes cidades vem sendo estudado pelo geógrafo britânico Matthew Gandy desde 1990, quando pesquisava sobre as relações entre cidade e água, a partir de Londres e Hamburgo. Em 2014, lançou seu livro sobre o Rio Los Angeles e sua transposição concretada, que ele acompanhava desde o começo dos anos 2000. Recentemente, o autor supracitado concedeu uma entrevista para a *Revista Select/Celeste*, na qual, além de falar sobre prospecções de cidades futuras, ele nos alerta sobre os perigos de tratar rios e riachos como águas contornáveis.

Rios sempre tiveram uma dimensão significativa para as cidades: como meios de transporte, como fontes de água potável, como destinos para esgoto ou, em alguns casos, como fonte de energia para moinhos, usinas e outros tipos de instalações industriais. A relação entre formas de uso

direto e indireto, entre o metabólico e o estético, tem ficado em estado contínuo de mudança. Quando pensamos na evolução das relações entre o corpo humano e a água no espaço urbano, precisamos ampliar a nossa lente analítica para englobar não apenas as possibilidades de lazer nas margens dos rios, mas também o uso de lagos e outros cursos d'água para natação e outras atividades. [...] Um ponto-chave de tensão, no entanto, está entre formas de planejamento urbano dedicadas a ampliar o acesso público à água, como as intervenções de Martin Wagner, na Berlim da era de Weimar, e a proliferação mais recente de formas de "gentrificação verde" que são orientadas para formas mais exclusivas de capitalismo ribeirinho (Gandy, 2025).

É interessante pensar que dos diversos aspectos dessa região, aquela que mais chamou atenção para criação de loteamentos e condomínios, foi a natureza pungente. Um lugar cujos arredores estão cheios de plantas, árvores, áreas abertas, lagoas e riachos é significativamente e termicamente mais confortável. Assim, não estava sendo vendido e anunciado somente um terreno, ou

a segurança oferecida pelos altos muros, mas vendiam a proposta de um estilo de vida que até hoje é parte dos slogans desse mercado, mas que nada tem a ver com a preservação dos corpos d'água da região, sendo uma adaptação imobiliária para apreensão capitalista de um município jovem, que hoje cresce também no sentido vertical.

A grande área que corresponde ao bairro Coaçu é dividida no meio da Lagoa da Precabura. A partir de uma etimologia indígena, Coaçu significaria "Folha Grande", nomeando não só a lagoa, o riacho e o rio que é afluente do Rio Cocó, mas também nomeando uma planta abundante nos ecossistemas de tabuleiro. Não podemos perder de vista a necessária articulação para que essas ideias possam ser debatidas no âmbito público, nas duas cidades. Eusébio e Fortaleza compartilham a responsabilidade de cuidar desse bem que é coletivo e que segue sendo ameaçado, pois, mesmo que os documentos encontrados pelo presente levantamento citem a Lagoa/Riacho Coaçu como parte da Área de Proteção Ambiental da Precabura, construções continuam sendo realizadas nos arredores desse sistema de lagoas.

Hoje, só nos resta lembrar delas: Lagoa do Bimba, Lagoa da Precabura, Lagoa das Guaribas, Rio Pacoti, Boca da Barra, Lagoa da Mangabeira, Lagoa da Paupina, Rio Coaçu, Lagoa do Coaçu. Queria poder levar vocês ao mar, desaguar suas águas onde vocês não estariam sendo mortificadas.

Numa dramaturgia transaquática, a performance *Corpos Aquáticos* (em processo) pretende chamar atenção através da dança na água e do audiovisual, para os alarmantes casos de apropriação privada de corpos d'água pertencentes ao município de Eusébio e que, mesmo com a aprovação da legislação local, causam danos irremediáveis na cultura das comunidades locais, nas práticas extrativistas e no acesso a espaços de lazer, socialização e aprendizado da população. Não há dissociação entre este texto mais técnico, teórico ou crítico-acadêmico e a poesia que lhes ofereço por fim. Ambos se retroalimentam, trocam águas como as lagoas que foram apresentadas aqui.

O tempo presente, recheado de experiência e passado, não permite imaginar um planeta sem a destruição iminente do mundo ocidental. Para não sucumbir à ficção de fim do mundo criada pelos humanos, inúmeros povos originários, populações quilombolas e pessoas transgênero, tem escrito, falado e filmado trajetórias multilinguagem onde a espécie *Homo sapiens sapiens* não se resume à destruição dos ecossistemas terrestres. Nessas "novas" histórias, vozes ancestrais se manifestam e criam um emaranhado de temporalidades possíveis, onde sonho, realidade, natureza, cultura, produção artística e vida são formas indistintas de apreensão do mundo.

No entanto, o cerne do pensamento moderno ocidental, constituído desde o século XVII até os dias de hoje, é principalmente guiado por um pensamento científico (ou pré-científico) que provoca a separação das produções humanas e das produções não humanas, centralizando o pensamento do "Humano", como podemos entender melhor através desse trecho de Denise Ferreira da Silva (2019) sobre Separabilidade e Não-localidade no livro "A dívida impagável".

O princípio da não-localidade sustenta um modo de pensamento que não reproduz as bases metodológicas e ontológicas do sujeito moderno, isto é, a temporalidade linear e a separação espacial. Justamente porque rompe essas articulações do tempo e do espaço, a não-localidade nos permite imaginar a socialidade de tal maneira que contemplar a diferença não pressupõe separabilidade, determinabilidade e sequencialidade, os três pilares ontológicos que sustentam o pensamento moderno. [...] Sendo assim, por que então não pensar a existência humana da mesma maneira? Por que não presumir que além de suas condições físicas (corporais e geográficas) de existência, em sua constituição fundamental, no nível subatômico, os humanos existam emaranhados com todas as coisas (animadas e inanimadas) do universo? (Ferreira da Silva, 2019, p. 44-45).

Dessa forma, é possível vislumbrar, além de uma quebra do pensamento moderno, uma possibilidade de criação poética que não esteja alocada em práticas que reproduzem

e “figuram a existência marcada pelas determinações do capital, da racialidade e do cis-heteropatriarcado” (Ferreira da Silva, 2019, p. 114). É exatamente nessa capacidade imaginativa que esta escrita também se insere, ficcionalizando e friccionando as disciplinas teóricas e metodológicas.

Também há de se entender aqui que o termo “Humano” está em disputa desde o começo da retomada da escrita negra, a altura dos lançamentos Panafricanistas, nos anos 50 do século XX, onde pessoas negras pela primeira vez na história pós-colonial, enfrentam a narrativa eurocêntrica imposta aos sujeitos em África. Através de trabalhos extremamente relevantes como *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) e *Os condenados da terra* (1961), de Frantz Fanon, podemos compreender como o humano europeu concretizou privilégios a partir da dominação e da determinação de pessoas negras enquanto não-humanas.

Tais obras tentam inserir a produção intelectual de povos africanos no mundo ocidental, questionando a produção histórica das alteridades que justificaram o Tráfico Internacional de Pessoas Negras, escravizadas, que cria no continente americano, em especial no Brasil, de onde falamos, sob o fardo incalculável da colonização, um legado de resistências, conversões, traduções, criações culturais e práticas artísticas resguardadas através da oralidade, religiosidade, alimentação e “noções de mundo”. É o movimento de humanização das pessoas negras que nos faz pensar que há muito o termo “humano” é de fato mais exclusivista do que universalizante.

Assim, é nessa diáspora que cresce nas terras invadidas de *Abya Yala*,¹² onde esses seres não-humanos, aos olhos do colonizador, criam e recriam seus corpos e sua experiência histórica. A identidade na diáspora, portanto, sendo resultado dessa desumanização, da miscigenação e da proposta colonial moderna para o “novo mundo”, está alocada em um lugar de multiplicidade, impurezas e hibridismos (Hall, 2003, p. 34). É justamente inventando formas de sobreviver, resistindo e criando que, por meio do corpo, as culturas diversas de África e Pindorama se fazem presentes na

contemporaneidade.

A despeito das ideias que constituíram a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, lançada em 1948, trinta e dois anos depois “a transexualidade é transformada em categoria psiquiátrica na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicada em fevereiro de 1980, sob o nome de Transtorno de Identidade de Gênero (TIG)” (Preu; Brito, 2019, p. 138). Pensando a partir da lógica “diagnóstico-patologia”, pessoas transgênero também não se encaixavam no ideal de humanidade proposto naquele momento, bem como pessoas homossexuais, que só vieram a ser retiradas desse manual patologizante por outra decisão da Organização Mundial de Saúde - OMS, dez anos depois em 1990. Contudo, somente em 2018, a OMS decidiu retirar o “Transtorno de Identidade de Gênero” da lista de doenças mentais, sendo essa demora, um dos propulsores da biopolítica transfóbica a qual estamos submetidas no Brasil.

Os impactos de decisões coletivas sobre a situação do que é “humano” infere diretamente na experiência de inúmeras populações em momentos históricos diferentes ou concomitantes. Ao menos na contemporaneidade, podemos criar ficções e experimentar metodologias onde o humano não é o centro, dissertando sobre terras inexploradas para muitas de nós, como as das literaturas especulativas de Vinciane Despret e Ursula K. Le Guin.

Nesse sentido, contemplando a obra de Donna Haraway, podemos entender que existem muitas formas de intercruzar campos do conhecimento, para desvanecer a supremacia antropológica, como ela diz em uma entrevista de 1997 sobre seu trabalho, publicada no Brasil em 2015.

Se por um lado a biologia é o princípio organizador central, por outro ela está sempre fortemente entrelaçada com questões de política e de prática semiótica, e também com diversas conexões transdisciplinares com literatura, antropologia e história. Mas a questão principal é a manutenção dessa junção muito potente entre fato e ficção,

entre o literal e o figurativo ou tropológico, entre o científico e o expressivo (Haraway; Goodeve; 2015, p. 49).

O repertório imagético, conceitual e bibliográfico articulado até aqui, nos acompanha também na elaboração do elemento artístico a ser criado em resposta às situações de violação dos direitos ambientais da população do Coaçu (Figura 9). Ao mesmo tempo, trata-se de uma ficcionalização livre que agrega oralidade, audiovisual e hidroimprovisação, cujo objetivo é enfatizar as diferenças e semelhanças entre os corpos de pessoas trans e os corpos d'água, bem como a relação entre as águas contidas em piscinas, praias, rios e lagoas, e as disforias de gênero impostas pela lógica de inconformidade do corpo, que acaba por vezes fragilizando os sujeitos dissidentes, impedindo-os de nadar, de ter momentos de lazer e liberdade corpórea.



Figura 9 - Recorte da imagem da árvore de médio porte conhecida como "Coaçu", que nomeia o bairro e o riacho.

Fonte: Secretaria do... (2022, p. 102).

Luzes submersas acendem.¹³ *Fade-in*. Mostram o contorno da piscina localizada na Rua Nossa Senhora de Fátima, 66 - Coaçu, Eusébio - CE - CEP: 61770-880, em frente à praça da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Miguel e da Capela Nossa Senhora de Fátima. Suas águas cristalinas brilham. Morcegos passam para beber a água, vindo do antigo Pé de Sapoti que está ao lado. O público se dispõe nas cadeiras, pallets e/ou fica de pé.

Tudo começa com uma tensão superficial.

E, de repente, um corpo quadrúpede chega furtivamente, observando as pessoas ao redor, passando pela borda da piscina, sem cair. Com o rosto fechado, sério, como se estivesse julgando quem está ao redor. Ainda na posição de quadrúpede, o corpo se posiciona no sentido perpendicular da piscina, olha para os lados, em seguida para frente e mergulha.

Soltando todo o ar debaixo d'água, aquele corpo fica no fundo da piscina por alguns segundos, em posição fetal.

As luzes se apagam e outro corpo surge entrando na piscina, através da piscina pequena, que compartilha água com a parte maior. Primeiro se senta no chão, coloca o pé esquerdo na água, só encostando nela. Depois batendo com mais força uma única vez e daí entrando com os dois pés na piscina, ficando de pé.

A água está abaixo de seu joelho, aquele ser é alto e olha para o horizonte, as luzes da piscina acendem novamente e lá está uma corpa indo em direção à outra. Ambas se alegram e se encontram na fronteira entre as duas piscinas. Nessa pedra de mármore, as duas ficam de cócoras, conversando por um tempo. Elas já acessaram sua memória ancestral celular, conseguiram superar o medo inerente do afogamento. Suas células, mais cheias de água que o normal, agora se comunicam em outra língua.

Palavras ininteligíveis são ditas, elas conversam em um dialeto desconhecido para o público, para a sociedade brasileira, mas com algumas palavras em pajubá, como: Aqué, Oco, Mapô, Guanto, Atrack, Fecho, Bixa e Travesti. Essas duas corpas aquáticas descobriram que podem compartilhar segredos através desse código inventado por elas. Elas riem alto e desejam ser uma só, aproximando-se uma da outra para falar. Ao chegarem a uma conclusão em comum, ambas mergulham em direção ao fundo da piscina.

Nesse momento, outros quatro corpos aparecem em cena, começam a rodear a piscina, por cima da borda como se estivessem desfilando, com poses nos braços e gestos no rosto. As corpas que já estão submersas se

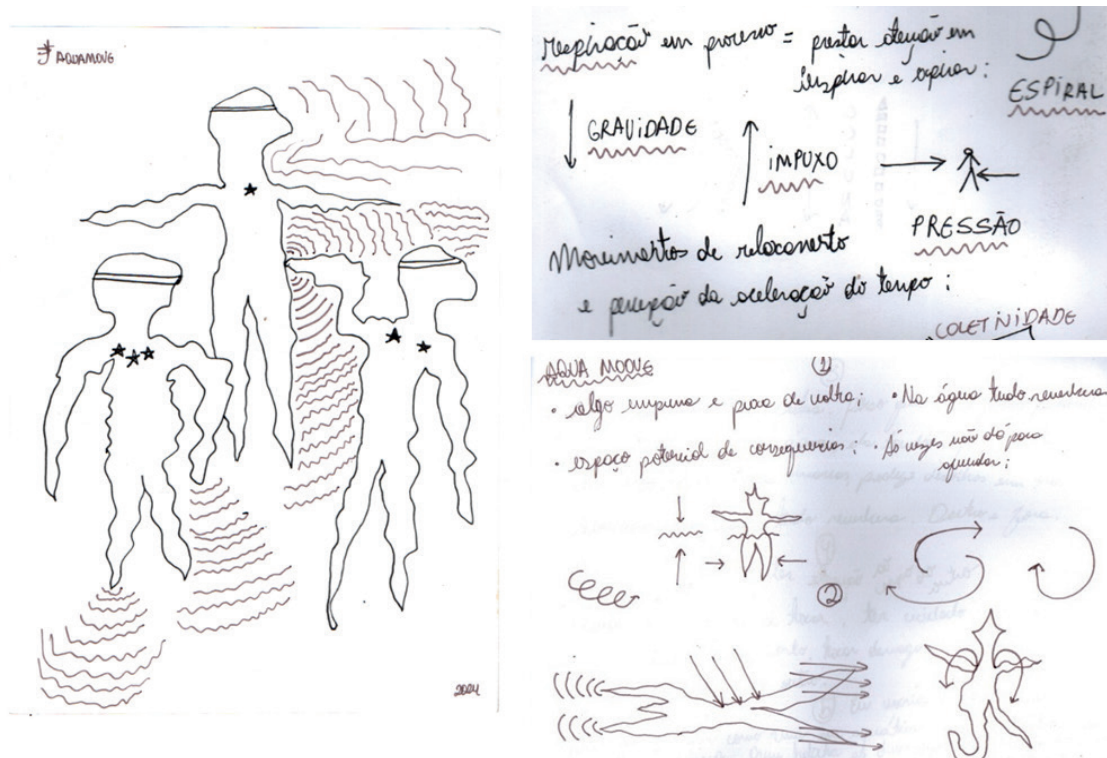


Figura 10 - Colagem digital de desenhos pós-vivência na água, como parte do processo criativo da artista Sy Gomes Barbosa.
 Fonte: Acervo pessoal das autoras.

posicionam nos cantos externos da piscina. Na segunda volta, dois param do lado esquerdo e dois param do lado direito.

Retiram de seus maiôs e sungas, um saquinho impermeável de pequenas pedras: ametistas, quartzos, pedras da lua, pedras de rio, *hagstones*,¹⁴ obsidianas e hematitas. Aos poucos eles vão jogando pedra por pedra, na piscina, enquanto as que já estão dentro, tentam pegar essas pequenas pedrinhas e vão tirando de dentro d'água, posicionando em postos diferentes da borda.

Ao fim dessa ação, em pontos equidistantes da piscina maior, elas começam a entrar lentamente na água, apoiando-se na beira da piscina com os braços, descendo e deixando as pernas flutuarem. Quando todas estiverem com as pernas flutuando, soltam-se da parede e passam a realizar movimentações. Um áudio com textura de rádio começa a ser tocado.

O movimento da arraia, nos faz pensar sobre que dentro d'água somos leves. O que nos faz tão pesados assim no Ar? Se na água temos a possibilidade de existir e reexistir com outros pesos e levezas, por que não, fora d'água?

Queria encontrar a possibilidade de girar como na água, em espiral. O movimento em espiral foi interessante, porém, nós temos muita dificuldade de existir debaixo d'água depois que aprendemos a respirar o ar. Estar dentro d'água por muito tempo, exige alguns níveis de conforto, a segurança de estar em uma água limpa, destituída de inseguranças com o corpo, o maiô, bikini, sunga ou touca de cabelo. Parece que quanto mais detalhes conseguimos garantir, para nos sentirmos seguras, vamos descobrindo outras inseguranças. A água segura, diferente do ar, que passa ao redor. (Som de Água em ebulição) Os movimentos de descoberta que a água promove, vão sendo cada vez mais surpreendentes. Toque em repouso, encontro, leveza e pouso fora do corpo do outro. Quando perdemos a capacidade de flutuar no ar? Quando ficamos tão pesadas?

A ação vai ficando intensa aos poucos, com movimentos a serem criados pelas artistas. Podendo espirrar água para os lados, a ideia é que a piscina esteja cheia como em um dia após a chuva. Depois que a ação vai se intensificando, saem de cena cinco das seis performers, restando apenas uma em posição

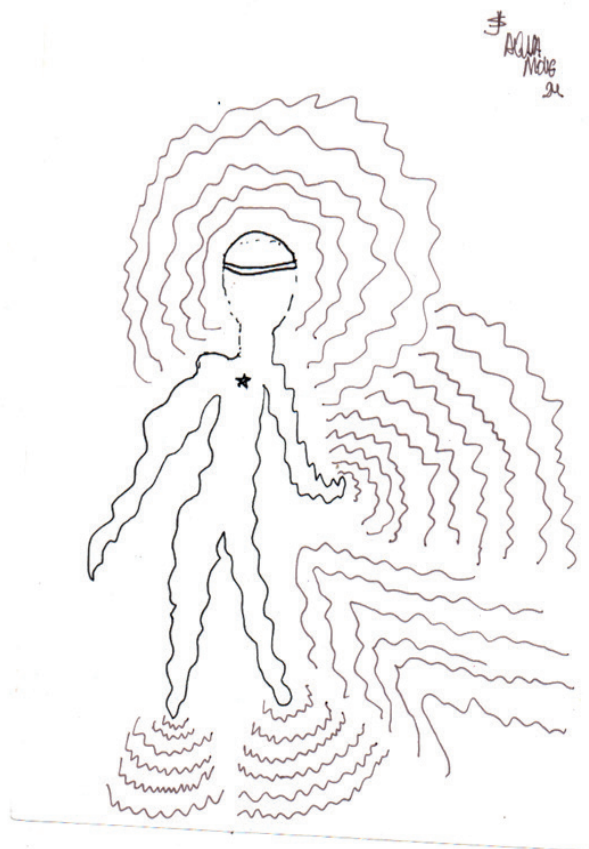


Figura 11 - Desenho sensitivo pós-vivência na água, como parte do processo criativo da artista Sy Gomes Barbosa.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

de estrela do mar, flutuando, com flutuadores se necessário. Com os ouvidos imersos, a artista começará a declamar os nomes das lagoas, rios, riachos e lagos que lembrar. Sua voz se propaga na água.

Depois de recitar bem alto cada um dos nomes que lembrar, a performer soltará pequenas bolhas de ar até afundar. As luzes se apagam.

Dez baldes de metal brilhante se empilham no canto da piscina. Voltando de sua saída, enchendo cada balde, os artistas vão se direcionando à praça, onde deixam um balde e voltam para pegar outro, empilhando-os como em pirâmide. Quando os dez baldes estiverem cheios, elas começam a girar em torno da pirâmide. As corpas, agora deslocadas da água, precisam dos baldes para sobreviver, por isso, os protegem de quem está em volta.

Com a velocidade aumentando, elas passam a correr em volta dos baldes, assustando, fazendo barulhos e caretas para com o público. Rindo, elas vão parando, chegando ao esgotamento

físico e se posicionando em volta dos baldes. Um último áudio é liberado, com 10 frases, gravadas com vozes diferentes e no fim de cada frase, um balde de água é derramado sob a cabeça de uma das artistas. Posicionando-se em uma fileira em seguida.

“Antes era necessário pegar água, hoje ela chega em nossas casas através de canos.”; “Pegávamos lenha, mangas, caju e aruás em volta da lagoa, hoje não a vejo há 15 anos.”; “Quando o chafariz existia, as coisas ficaram melhores, não precisávamos andar quilômetros pra pegar água.”; “Eu lembro daquela lagoa, ela era ligada à lagoa da Precabura, era boa de pegar traíra.”; “A lagoa do Antenor não existe mais, nem a do Bimba.”; “Quando íamos à Lagoa das Guaribas, gostávamos de dar bunda-canassa na água, brincar de estrelinha e galo de briga.”; “O riacho que passava ali atrás da Dona Graça, foi entulhado né? Encheram de entulho e agora alaga tudo.”; “Estão construindo mais perto ainda da Lagoa do Coaçu, alguém precisa fazer alguma coisa!”;

“Quando chover eu quero ver quem vai se responsabilizar pelos danos!”; “Até a próxima chuva, desejo que os riachos voltem aos seus leitos, que o tempo se desfaça e que a água volte a correr, nem que seja pro mar.”.

Em uma fileira, com os baldes aos pés, as artistas agradecem e encerram a apresentação, saindo em silêncio, como em luto por todas elas, pelas que não existem mais e pelas que ainda resistem e deságuam no Mar.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. **Decreto nº 34939**, de 5 de setembro de 2022. Dispõe sobre a criação da Unidade de Conservação Estadual do grupo de uso sustentável denominada Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa da Precabura nos municípios de Fortaleza e Eusébio e dá outras providências. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/ce/decreto-n-34939-2022-ceara-dispoe-sobre-a-criacao-da-unidade-de-conservacao-estadual-do-grupo-de-uso-sustentavel-denominada-area-de-protecao-ambiental-apa-da-lagoa-da-precabura-nos-municipios-de-fortaleza-e-eusebio-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

COMPANHIA DE GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS (COGERH). **Atlas dos Recursos Hídricos - Cogehr**, 2020. Disponível em: <<http://atlas.cogerh.com.br>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS (CPRM). **Mapa de pontos d'água**, 1998. Disponível em: <<https://rigeo.sgb.gov.br/server/api/core/bitstreams/eec42e5e-684c-42af-9e0c-cf0b63f95cfa/content>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

GANDY, Matthew. Pode um rio sobreviver às grandes cidades? [Entrevista cedida a João Paulo Quintella]. **Revista Select/Celeste**, [s.l.], SeLecT - Arte e cultura contemporânea, 31 jan. 2025. Disponível em: <<https://select.art.br/pode-um-rio-sobreviver-as-grandes-cidades>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

GOOGLE INC. **Google Earth**. <https://www.google.com/intl/pt-BR/earth/about>. Acesso em: 22 fev. 2025.

HARAWAY, Donna J.; GOODEVE, Thyrza Nichols. Fragmentos: quanto como uma folha. entrevista com Donna Haraway. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v.20, n.1, p. 48-68, 2015. Disponível em: <<http://www.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n1p48>>. Acesso em: 28 fev. 2026.

VIEIRA, Ângelo Trévia; FEITOSA, Fernando A. C.; BENVENUTI, Sara Maria Pinotti (org.). **Programa de recenseamento de fontes de abastecimento por água subterrânea no estado do Ceará**: diagnóstico do município de Eusébio. Fortaleza: CPRM, 1998. Disponível em: <<https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/15975>>. Acesso em: 19 jan. 2025.

Notas

¹ Embora o texto tenha sido escrito por duas autoras, ele apresenta trechos autobiográficos da artista Sy Gomes Barbosa. Por este motivo, para que o artigo não perca sua poética, definiu-se pela alternância de tempos verbais entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural.

² Tradução das autoras. No original: “*A perspectivist, rather than representational, approach to the juxtaposition of water-and land-based subject positions pays heed to the specific materialities of watery heterotopias and to the ways water may engender certain social and political forms. This also means that different waters and waterways produce different perspectives - a British canal fashions different points of view than an Atlantic beach or a Taiwanese drinking water reservoir. As a way of making the familiar strange and the strange familiar, hydro-perspectivism can serve as a technique to afford a new look at our terrestrial assumptions and identify problems and blind spots in our received ways of thinking*”.

³ Ver o texto *Um novo Pajeú*, de Cecília Andrade (2016), resultado de sua pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<https://eraumavezumrio.wordpress.com/2016/07/02/um-novo-pajeu>>. Acesso em: 19 out. 2025.

⁵ Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2011/12/fortaleza-em-suas-ruas-avenidas.html>>. Acesso em: 1 fev. 2026.

⁶ Tradução das autoras. No original: “*Water as body; water as communicator between bodies; water as facilitating bodies into being. Entity, medium, transformative and gestational milieu. All of this enfolded in, seeping from, sustaining and saturating, our bodies of water. ‘There are tides in the body’, writes Virginia Woolf. We ebb and flow across time and space-body, to body, to body, to body*”.

⁷ “Nas sessões de flutuação existe uma parte de estudos individuais de hidroimprovisação, a partir dos 21 movimentos catalogados. O vocabulário

organizado até então se inspira em padrões de movência de sapos, golfinhos, estrelas do mar, peixe-espada, peixe-boi, água viva, lagosta, cobra d’água, caranguejo, tomopteris, polvos, phronima sedentária, corais, flor de lótus. Em um exercício de simbiomimética, organizei procedimentos técnicos, em flutuação, que colaboram para a percepção desses sistemas no *corpoespaço* flutuante” (Mundim, 2023, p. 388).

⁸ O litoral leste do Ceará é uma região que inclui o município de Eusébio, além de outras cidades como Aquiraz, Pindoretama, Cascavel, Beberibe, Fortim, Aracati e Icapuí.

⁹ Para compreender melhor o impacto dos álbuns de família na Arte-Educação, na Arte Contemporânea e como forma de resguardo de memória em famílias afrodescendentes, vide a dissertação de Rodrigo Lopes Costa (2022), *Álbum de família na arte/educação: matéria de ficção*. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/1ef09912-38b8-4d01-a8bb-5664eb4b4206>>. Acesso em: 4 out. 2025.

Para uma maior compreensão dos recursos hídricos do Estado do Ceará, sugerimos a consulta do *Atlas dos Recursos Hídricos do Ceará* (Companhia..., 2020), disponibilizado pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará (COGRH - CE).

¹⁰ Decreto nº 34939, de 5 de setembro de 2022, dispõe sobre a criação da unidade de conservação estadual do grupo de uso sustentável denominada Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa da Precabura (Ceará, 2022).

¹¹ No *Estudo técnico para criação de unidade de conservação estadual na Lagoa da Precabura, Fortaleza e Eusébio, Ceará*, de junho de 2022 (Secretaria do..., 2022), é possível observar diversas espécies de plantas, peixes, pássaros, pequenos mamíferos, lagartos, insetos e outros seres vivos relevantes para a manutenção do ecossistema da Lagoa da Precabura.

¹² “*Abya Yala* é o termo que as organizações e instituições de povos indígenas adotaram para se referir ao continente americano, de acordo com o documento Povos Indígenas nas Américas (*Abya Yala*), publicado em 2017 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). De acordo com o documento, “*Abya Yala*” é o nome dado ao continente pelo povo kuna (também conhecido como guna ou cuna), originário do Panamá e da Colômbia, antes da chegada de Cristóvão Colombo e dos europeus no século 15. Na língua kuna, *Abya Yala* significa “terra madura”, “terra viva” ou “terra que floresce”, e é sinônimo de América, acrescenta o capítulo *Abya Yala, el descubrimiento de América*, escrito pelo geógrafo e pesquisador brasileiro Carlos Walter Porto-Gonçalves, e publicado no livro *Bicentenarios (otros): transiciones y resistencias*, em 2011” (National..., 2023).

¹³ Versão na íntegra do texto dramático, performativo e poético intitulado *Corpos Aquáticos*,

finalizado em 16 de dezembro 2024, produzido em função das propostas de escrita através da Hidroimprovisação, da professora Ana Carolina Mundim, durante a disciplina *Ateliê III - Aquamove*.

¹⁴ *Hagstones* são pedras originárias da região de Sussex, no Reino Unido. São naturalmente furadas e protagonizam diversos contos locais sobre magia, druidas e mundos mágicos.

SOBRE AS AUTORAS

Sy Gomes Barbosa é graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes-UFC) da mesma universidade. Travesti parda, nascida em Eusébio, município próximo à cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil, é artista que trabalha integrando música, performance, vídeo, fotografia, instalação ritualística, design e produção cultural em sua prática, dissolvendo as fronteiras entre humanidade e natureza. ORCID: <<https://orcid.org/0009-0007-5588-4914>>. E-mail: sygomees@gmail.com

Ana Carolina da Rocha Mundim é professora associada dos cursos de graduação em Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizou estágio Pós-Doutoral na Universitat de Barcelona (2015) e na Unicamp (2023-2024). É multiartista - bailarina, fotógrafa e DJ - com participação em imersões de dança na água. Desenvolveu a metodologia de dança aquática *Aqua Move* e organiza os projetos de extensão *Aqua Move: movendo águas coletivas* e *Temporal - Encontros de improvisação e composição em tempo real*. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4257-3563>>. E-mail: anamundim@ufc.br

Recebido em: 30/4/2025

Aprovado em: 30/10/2025